

Almirante Vieira Matias

Uma homenagem pessoal

Artigo originalmente publicado no jornal Observador em 15 de Junho de 2020.

Como escreveu recentemente Almirante Alexandre da Fonseca, o Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias foi um verdadeiro Patriota, foi um Grande Português.

A notícia da morte de Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias, no sábado passado, atingiu-me duramente, embora não com total surpresa. Visitara-o no Hospital Militar há poucos meses e percebera com tristeza que o seu estado de saúde era muito delicado. Recebia semanalmente os seus emails, por vezes também telefonemas, de resposta aos meus envios das minhas crónicas semanais neste jornal. E há algumas semanas que tinha deixado de receber as suas respostas. Temia por isso o pior. E o pior aconteceu neste passado sábado, pelas 07h55.

Tendo conhecido pessoalmente o Almirante Vieira Matias em data relativamente recente (1996), posso apenas aqui deixar um sentido testemunho pessoal. Sobre o conjunto da brilhante carreira e obra de Almirante Matias, tomo a liberdade de remeter o leitor para a tocante e abrangente alocução de Almirante Alexandre da Fonseca, proferida em Novembro do ano passado na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, reproduzida na mais recente edição da revista *Nova Cidadania*. [www.novacidadania.pt]

Recordo sem hesitação que o meu primeiro contacto com Almirante Vieira Matias ocorreu em 1996, por puro acaso, numa recepção na residência do Embaixador americano em Lisboa. Começámos a conversar por acaso, como é frequente neste género de eventos. Mas — o que já não é nada frequente — continuámos



POR
João Carlos Espada

Director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

a conversar insistentemente e sem interrupção. Ao cabo talvez de uma hora, vozes amigas alertaram-nos para que devíamos tentar conversar com os outros convidados, em vez de ficarmos em intensa ‘reunião’ a dois. Assim fizemos, contrariados, e trocámos rapidamente os nossos contactos.

Lembro-me exactamente das razões que me deslumbraram nesse primeiro



contacto com Almirante Vieira Matias, há 24 anos. Havia desde logo a postura nobre de um gentleman, que imediatamente me cativou. E havia mais. Eu tinha acabado de regressar de uma estadia de 4 anos em Inglaterra e de de 2 anos na América. Tinha aí descoberto uma nobre tradição marítima de liberdade ordeira e não revolucionária (nem contra-revolucionária) — em que os nossos parceiros anglo-americanos incluíam a ancestral aliança com o marítimo Portugal. À medida que ia descobrindo essa tradição marítima da liberdade ordeira (por sinal orientado por um austro-britânico, Karl Popper, e por um germano-britânico, Ralf Dahrendorf), ia ficando cada vez mais intrigado pela debilidade dessas referências marítimas em Portugal.

Eis senão quando encontro o Almirante Vieira Matias na já referida recepção diplomática. E eis senão quando ele começa a falar-me da importância crucial da NATO, da sua experiência no norte-americano Naval War College de Newport, da sua admiração pela Royal Navy e pela aliança luso-britânica estabelecida pelo Tratado de Windsor de 1386. Lembro-me vivamente da minha total surpresa perante esta voz tão rara no nosso panorama intelectual, bem como da sua postura enérgica, mas tranquila, e da sua cortesia exemplar. E fiquei para sempre seu admirador — antes mesmo de ter tido o raro privilégio de beneficiar da sua nobre amizade e de conhecer a sua notável carreira naval, nacional e internacional, e a distinção do seu carácter.

Anos mais tarde, tive o privilégio de convidar Almirante Vieira Matias para leccionar no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica. Foi um re-encontro com fantásticas consequências. O Almirante Vieira Matias desenvolveu a partir de então uma área de estudos em Segurança e Defesa, atraindo à docência no IEP militares de topo dos três ramos das Forças Armadas. Com o Professor Adriano Moreira, ambos retomaram a tradição dos Programas Avançados em Estudos do Mar, inicialmente inaugurada também na Universidade Católica, por nosso querido Amigo e Mestre Ernâni Lopes, então precocemente falecido.

Com eles, e sob a sua liderança, o IEP-UCP consolidou e ampliou a sua vocação marítima. Quando criámos, com Mário Pino e Manuel Braga da Cruz, a



sala comum D. Henrique o Navegador, o Almirante Vieira Matias ofereceu-nos uma bela reprodução, com a chancela da Academia de Marinha, da Carta Náutica de Jorge de Aguiar, de 1492 — o mais antigo mapa com data e assinatura dos Descobrimientos portugueses, cujo original se encontra na Universidade de Yale. Na mesma ocasião, o Professor Adriano Moreira ofereceu-nos uma bela réplica do retrato do Infante nos célebres Painéis de São Vicente.

Nas inúmeras conversas com Almirante Vieira Matias sobre a natureza marítima de Portugal, lembro-me de que gostávamos de sublinhar o sentido de equilíbrio e moderação, por contraste com os dogmatismos castelhano e continental, fatalmente atraídos por infelizes dicotomias entre revolução e

contra-revolução. Uma das nossas favoritas conjecturas era que as culturas marítimas favorecem o equilíbrio dos navios, sabendo que eles têm de balançar para um lado e depois para o outro, em contraste com os planos imóveis, dogmáticos e centralizados, das culturas continentais.

A este respeito, gostávamos de recordar que Edmund Burke e Michael Oakeshott — dois clássicos liberais-conservadores não revolucionários, por isso descritos no continente como reacionários — usavam a mesma imagem de “manter o equilíbrio do navio” para ilustrar o comum sentido de equilíbrio e moderação. E o comum entendimento de que o equilíbrio assenta numa gentil e civilizada oscilação entre dois lados naturalmente diferentes — traduzidos



no Parlamento pela concorrência e controlo mútuos entre (pelo menos) dois partidos rivais.

Lembro com saudade as inúmeras longas conversas que mantive com Almirante Vieira Matias sobre estes e muitos outros temas da nossa tradição marítima. A ele lhe devo o muito honroso e inesperado convite para ingressar na Academia de Marinha, primeiro como Membro Correspondente, depois como Membro Efectivo. Também a ele devo o inesperado e muito honroso convite para prefaciar o tocante livro *Comandar no Mar*, (que surpreendentemente acaba de ter uma edição em língua inglesa). [www.revista.demarinha.com/comandar-no-mar/]

Com lágrimas nos olhos, sei que tenho de terminar; e sei que já abusei da



Uma das nossas favoritas conjecturas era que as culturas marítimas favorecem o equilíbrio dos navios, sabendo que eles têm de balançar para um lado e depois para o outro

paciência do eventual e raro leitor. (Sei também que ‘um homem não chora’; mas conforta-me saber que Churchill chorava frequentemente quando era o momento). Só que não sei como terminar. Apenas posso recordar as tocantes palavras de Almirante Alexandre da Fonseca na sua homenagem a Almirante Vieira Matias, em Novembro passado:

“O Almirante Vieira Matias é um chefe de família exemplar; com sua mulher, a Senhora Dona Maria Francisca, tiveram dois filhos e três netos. É um homem de valores, de princípios e de causas. É um amigo do seu amigo. É um homem de cultura, um académico. É um líder, um chefe, um Comandante, com quem dá gosto trabalhar. É um marinheiro, um fuzileiro, um militar e um combatente. O Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias é um verdadeiro Patriota, é um Grande Português.”

Post-Scriptum sobre a violência de rua falsamente anti-racista: As habituais patrulhas ideológicas têm usado a legítima indignação contra o homicídio de um cidadão norte-americano por um polícia fardado como pretexto para uso da violência de rua e para vandalização de estátuas — incluindo a de Winston Churchill, líder do mundo livre contra o nazismo e o comunismo. A vergonha dos actos fica com quem os pratica e as nossas democracias liberais têm larga experiência de enfrentar tranquilamente fanatismos de sinal contrário. Danos contra a propriedade, pública ou privada, estão tranquilamente previstos na lei. E decisões sobre que estátuas erguer ou remover também: o debate público sobre esse tema é livre; e as decisões são tomadas pelos representantes livremente eleitos pelos cidadãos, ou por referendos convocados por aqueles representantes. Por outras palavras, não precisamos de ‘entusiasmos’ de sinal contrário. Quem tem alguma coisa a dizer, pode dizê-lo. Quem quiser remover ou manter estátuas, pode e deve apresentar a(s) proposta(s) ao voto dos eleitores ou dos seus representantes. Quem, em vez disto, quiser desrespeitar a lei, deverá ser julgado pela Lei — como aliás está a acontecer com o polícia de Minneapolis, que está em Tribunal. ■

Artigo originalmente publicado no jornal Observador, em 15 de Junho de 2020.